

O CORPO FEMININO NAS DISCUSSÕES FEMINISTAS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Daynara Gabrieli Dela Valentina (PIBIC/CNPq/FA/UEM),
Carolina Laurenti (Orientadora). E-mail: claurenti@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia/História, teorias e sistemas em psicologia

Palavras-chave: Corpo feminino; Feminismo; Análise do Comportamento.

RESUMO

O corpo feminino tem sido tema de frequente debate no campo feminista. Considerando que a Análise do Comportamento tem buscado estabelecer uma interface com feminismo, o objetivo deste trabalho foi avaliar como a produção feminista analítico-comportamental tem considerado o corpo feminino. A pesquisa teve como fonte 18 artigos acadêmicos-científicos recuperados do Google Acadêmico e 3 dissertações e 2 teses obtidas no portal de teses e dissertações da CAPES. As fontes foram documentadas de forma sistemática preenchendo-se em uma planilha informações relevantes para elucidar a problemática de pesquisa. Com base nesse registro, foi constatado que o conceito de corpo feminino não era central nos artigos selecionados. Com o auxílio de outros textos analítico-comportamentais complementares, foi possível determinar que, para esta orientação teórica, o corpo feminino pode ser entendido como o produto da intersecção entre organismo, pessoa e *self*. Como organismo, o *corpo feminino* tem uma dimensão biológica; conquanto importante, não é suficiente definir os corpos de mulheres. *Corpo feminino* também envolve um repertório de comportamento (pessoa) classificado como feminino em uma dada cultura. Um corpo feminino só é sentido e percebido como tal por meio da constituição de um repertório verbal autodescritivo (*self*) constituído por comunidades verbais. Em sociedades patriarcais, racistas e capitalistas, a constituição do corpo das mulheres é permeada por práticas de exploração e dominação, sendo alvo de diferentes tipos de violências (física, sexual, simbólica). Tais opressões podem ser enfrentadas por meio do contracontrole, tornando o corpo das mulheres uma forma de resistência, nos domínios micro e macropolítico.

INTRODUÇÃO

O corpo feminino tem sido central em algumas discussões feministas sobre a mulher (Silva; Laurenti, 2016), pois ele é um corpo que historicamente tem sido subjugado e violentado de diferentes maneiras (e.g., estética, física, psicológica e sexual) devido à supremacia masculina sobre a feminina. Por outro lado, o corpo feminino também

é visto como fonte de resistência, podendo assumir um potencial subversivo. A subversão deste corpo tem assumido diferentes estratégias, seja transvalorando aquilo que é repudiado por uma estética patriarcal (e.g., corpos com estrias, corpos negros), seja indicando potencialidades emancipatórias dos corpos das mulheres (e.g., direito ao aborto, direito a formas de trabalho dignas).

A análise do comportamento é uma ciência que tem buscado compreender alguns conceitos trazidos pelas discussões feministas (Silva; Laurenti, 2016). No entanto, do rol de conceitos acionados para se estabelecer interlocuções entre o feminismo e a Análise do Comportamento, o conceito de corpo ainda merece ser explorado. Em vista disso, o objetivo deste estudo foi avaliar como as discussões feministas da Análise do Comportamento têm considerado o corpo feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica cujas fontes foram artigos acadêmicos-científicos, dissertações e teses que contemplassem a relação entre Análise do Comportamento e feminismo. Os artigos foram recuperados no Google Acadêmico, já as teses e dissertações foram buscadas no portal de teses e dissertações da CAPES. Foram buscadas fontes redigidas em português brasileiro e sem recorte temporal. A busca nas bases de dados se valeu do uso de combinações das palavras-chave Análise do Comportamento, Behaviorismo Radical e Comportamentalismo Radical com Patriarcal, Patriarcado, Feminismo e Feminista, o que resultou em 12 combinações diferentes. Foi verificado por meio da leitura do título do trabalho se os artigos/dissertações/teses tratavam de feminismo e análise do comportamento. Após verificação foi realizado o *download* dos textos pré-selecionados, os quais foram armazenados em uma pasta do *Google Drive*. Nos textos foram buscadas as seguintes palavras-chave: corpo, organismo, beleza, estética e corporeidade para averiguar se o material tratava das temáticas que pudessem se relacionar com o corpo. Depois desta apuração, foram excluídos todos os textos que não contemplaram os critérios propostos, bem como os que estavam repetidos. Posteriormente à seleção dos artigos, foi feita a leitura do material na íntegra, a sua documentação em uma planilha criada no *Google Sheets* que conteve 10 colunas (e.g., concepção de corpo apresentada pelo artigo, relação estabelecida entre feminismo e análise do comportamento, apresentação de conceitos transversais às mulheres), e a análise de todo material coletado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fontes selecionadas foram 18 artigos acadêmicos-científicos, 3 dissertações e 2 teses, totalizando 23 fontes para serem analisadas. Após a leitura, documentação e comparação desses estudos foi possível identificar que a Análise do Comportamento tem pouco considerado o corpo feminino como um aspecto primordial para as suas discussões feministas, visto que nenhum deles teve o *corpo* como um conceito central. No entanto, com base em outros estudos analítico-comportamentais contemporâneos sobre o assunto, foi possível elucidar que o corpo pode ser

compreendido como uma das dimensões da mulher, sendo uma intersecção entre organismo, pessoa e *self*.

O corpo feminino possui uma dimensão biológica (organismo), a qual é costumeiramente utilizada para classificar mulheres. Essa dimensão, porém, não é suficiente para definir *mulher* visto que a reduz às suas características anatômicas. Além disso, o corpo feminino também exhibe um repertório de comportamento próprio (pessoa) constituído em sua história de vida, a qual é perpassada por práticas culturais que determinam como as mulheres devem se comportar a fim de serem nomeadas e reconhecidas como tais. Por meio de contingências sociais organizadas por comunidades verbais, as mulheres aprendem um repertório verbal (*self*) que permite a elas se sentir e se perceber como uma *mulher*, e a lidar com suas próprias condições corporais de forma gendrada. Com isso, compreendemos que a constituição da identidade corporal feminina está perpassada por aspectos biológicos, pessoais e culturais.

No que diz respeito às sociedades patriarcais ocidentalizadas, existem diferentes tipos de controles sociais exercidos sobre o corpo feminino, em especial, pelas agências controladoras. Eles se dão em níveis distintos, de forma menos implícita, como a imposição de certos padrões de beleza (e.g., corpos magros, altos e loiros), mas também de maneira mais explícita, como as violências sexuais e físicas. Determinadas religiões, por exemplo, reproduzem a ordem patriarcal de gênero tolhendo e condenando a sexualidade feminina, além de reforçar comportamentos submissos; a mídia, aliada à economia, cria estratégias para fomentar o consumo excessivo de cosméticos pelas mulheres, com a promessa de se alcançar um corpo dito “ideal” (Colling; Acom, 2019).

Além do patriarcado, o racismo e o capitalismo também operam na construção da dimensão corporal da mulher. Foi observado que os corpos de mulheres negras, por exemplo, sofrem violências diferentes dos corpos das mulheres brancas. Embora o padrão estético atinja todas as mulheres, ao ser imposto à mulher negra, ele produz uma constituição de *self* que resulta em ódio às suas características físicas negróides, como os lábios grossos e o cabelo crespo (Kuratani; Cerqueira; Pereira; Silva; Mendes, 2022).

Diante desse sistema de opressão ao corpo feminino, para que as mulheres consigam desenvolver autonomia sobre os seus corpos, estratégias micropolíticas e macropolíticas podem ser adotadas como contracontrole. No que diz respeito ao aspecto micropolítico, é necessário criar condições para que elas identifiquem as contingências patriarcais que permeiam os seus corpos no âmbito das relações interpessoais (e.g., afetivas, amorosas, profissionais) (Couto; Dittrich, 2017). Já no que concerne às macropolíticas, a criação de políticas públicas é um dos exemplos que garantem que as mulheres acessem espaços e tenham controle sobre seus direitos reprodutivos (Silva, 2020).

CONCLUSÕES

Com base nas análises foi possível construir uma rede conceitual que permitiu compreender o corpo feminino como um ponto de convergência entre organismo, pessoa e *self*. Essa compreensão dá relevo ao caráter histórico e socialmente

construído do que seja corpo feminino. Em sociedades regidas pelo binarismo de gênero e pelo patriarcado, a pessoa do sexo classificado como feminino, desde o seu nascimento, é identificada como mulher, sendo exposta a contingências sociais que reforçam um modo estereotipado de se comportar “como mulher”; e, no âmbito de práticas verbais patriarcais, adquire um repertório reflexivo (*self*) que permite sentir e perceber seu corpo de forma gendrada como feminino. A construção do corpo feminino é perpassada por diferentes controles sociais, muitos dos quais envolvem violências sutis e explícitas. Desse modo, nas sociedades patriarcais o corpo feminino também é produto de subordinação, opressão e exploração.

Esta pesquisa pode oferecer, ainda que de modo incipiente, um possível itinerário para compreender o corpo feminino pela ciência do comportamento. Há, igualmente, limitações que devem ser consideradas: apenas foram buscados textos em língua portuguesa e as fontes restringiram-se às teses, dissertações e artigos. Com isso, novos estudos sobre a temática devem ser realizados para aprimorar a noção de corpo feminino de uma perspectiva analítico-comportamental.

AGRADECIMENTOS

À minha família e amigos por todo apoio durante a elaboração da minha pesquisa, à minha orientadora Carolina Laurenti por toda paciência e dedicação a esse processo de construção de conhecimento e à Fundação Araucária pela concessão da bolsa de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

COLLING, A. M.; ACOM, A. C. Corpo feminino, corpo político: do fustigado ao devorador instituído. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, a. 16, n. 2, 2019.

COUTO, A. G. **Uma análise Behaviorista Radical da discussão feminista sobre o empoderamento da mulher**. Orientador: Alexandre Dittrich. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

KURATANI, S. M. A.; CERQUEIRA, L. M. S.; PEREIRA, L. K. S.; SILVA, R. S. M.; MENDES, A. C. A. A ética amorosa de bell hooks e a FAP: interlocuções entre feminismo negro e clínica comportamental. **Revista Perspectivas**, v. 13, n. 1, p. 321-341, 2022.

SILVA, S. A. A. A violência obstétrica sob a perspectiva da análise comportamental do direito. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas**, Bebedouro, v, 8, n 1. p. 45-72, 2020.

SILVA, E. C.; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” a luz do modelo de consequências. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 7, n. 2, p. 197-200, 2016.